



**TRADUÇÃO**  
**A SENSIBILIDADE CÓSMICA DA PAISAGEM EM**  
**GASTON BACHELARD<sup>1</sup>**

Kuan-min Huang<sup>2</sup>

Há pelo menos duas abordagens para pensar a paisagem: uma toma a paisagem como representação das formas do local, a outra a trata como a produção das atividades terrestres (geológica, geográfica, ecológica e cósmica). Bachelard opta pela segunda abordagem e nos sugere uma poética da paisagem. Dito isto, ele se afasta da ciência da paisagem que a geografia e o urbanismo tendem a descrever. Este sacrifício da ciência pressupõe uma dualidade ou uma tensão entre ciência e poética. Mas a perspectiva pode não ser tão nítida se adotarmos outra maneira de olhar a paisagem. Na verdade, trata-se de fazer a experiência da paisagem.

A paisagem depende, de certo modo, da “aparição do local” que se manifesta em diferentes formas. Mas é importante também desenhar a formação prática (política, econômica, artística, agrícola e cultural) destas formas de paisagem. O problema não se coloca só na representação em si, mas também na

<sup>1</sup> Originalmente publicado por HUANG, Kuan-min. como *La sensibilité cosmique du paysage chez Gaston Bachelard*. IN: GUENANCIA, PERROT et WUNENBURGER, Sciences, imaginaire, représentation : le bachelardisme aujourd'hui. *Cahiers Gaston Bachelard*. n 12. Centre Georges Chevrier – Faculté des lettres, Dijon, 2012. A presente tradução representa um importante estudo sobre as paisagens em Bachelard. Como tais pesquisas ainda são escassas na língua portuguesa e também pelo fato de não haver ainda uma versão digital de tal artigo, a proposta do artigo é conceder um estudo direto do filósofo no sentido de esclarecer nuances ontológicas como as tonalidades do ser e seus horizontes. É também uma defesa da relação entre fenomenologia e hermenêutica da imagem da paisagem e das paisagens da imagem. Desse modo, a afiniação que a autora propõe se dará numa ontologia da fusão e difusão com o cosmos.

<sup>2</sup> Tradução de Gabriel Kafure da Rocha, Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL UFRN e Prof. de Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano.

maneira e no porquê de “viver-se na paisagem”. Pode-se determinar as práticas variadas de formar, distorcer ou transformar as superfícies do local como experiência da paisagem. A formação, ou especificamente a produção do espaço, é constitutiva da paisagem. Se o conhecimento da paisagem tinha a intenção de objetificar, a representação conhecida refere-se mais profundamente ao processo de transformar um objeto em uma representação.

Mas o processo de transformação mostra bem a natureza dinâmica dessas mudanças. Com o engajamento humano, a paisagem não permanece estática. Sem o ser humano, a paisagem também está sujeita a provocações climáticas, geológicas e ecológicas. Falar sobre a condição humana da paisagem não é considerar uma dominação completa do homem, mas a condição cintilante da vida humana na paisagem. Talvez seja melhor identificar mais de perto a condição de viver dentro e através da paisagem.

Vista desta perspectiva, a poética de Bachelard tem o poder de indicar a possibilidade de transformar a paisagem pela imaginação. Como as atividades humanas são constitutivas da paisagem, a força da imaginação não é meramente acidental ou secundária.

A visão da paisagem combinada com a imaginação é levada a usar um método específico, o da topoanálise. Na *Poética do espaço*, Bachelard esboça uma aproximação da análise da imaginação em suas relações com o espaço, uma análise que vai além da psicanálise para alcançar a sublimação pura. O termo *topoanálise*, emprestado de Jean-Bertrand Pontalis<sup>3</sup>, é utilizado para “estudar os espaços da linguagem” que são formados pela “imagem isolada, a sentença que se desenvolve, o verso ou, às vezes, a posição onde a imagem poética irradia”<sup>4</sup>. Pontalis afirmou que “o sujeito falante é todo o sujeito”, enquanto Bachelard,

<sup>3</sup> N.T – Psicanalista francês que foi aluno de Sartre e estudioso de Espinosa e Lacan.

<sup>4</sup> BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1984, p. 11.

por meio da imaginação poética, expandiu esta frase dizendo: “E não nos parece mais um paradoxo dizer que o sujeito falante está inteiro em uma imagem poética, porque se ele não se dá nela sem reserva, não entra no espaço poético da imagem”<sup>5</sup>.

A ideia do espaço da linguagem, em vez de construir um espaço abstrato e objetivo, sublinha, por outro lado, a linguagem vivida no centro da experiência concreta da imagem poética. A definição de Bachelard da topoanálise (em relação à psicanálise) como “o estudo psicológico sistemático dos lugares de nossa vida íntima”<sup>6</sup>, mudou o domínio do *quid*<sup>7</sup> sobre o eu, do inconsciente sobre o consciente, para identificar a importância do espaço que descreve, sobretudo, o ser humano como topológico. Em oposição à infelicidade opressiva da psicanálise, o conceito de *topofilia* em Bachelard ressalta o espaço feliz.

Respondendo ainda ao sujeito falante, ele afirma a sublimação pura na “palavra feliz”<sup>8</sup>, sem cair nos sofrimentos do poeta. Não é mais a história pessoal, a da infância, “a pequena história sórdida” que conta, mas a memória com espaços decorados. A oposição ao sociodrama é afirmada, pois é preciso “*dessocializar* nossas grandes memórias e alcançar o plano dos devaneios que nutrimos nos espaços de nossas solidões”<sup>9</sup>. Para reivindicar o espaço, Bachelard aprofunda sua determinação em marcar a diferença entre tempo e espaço: “Um conjunto de fixações em espaços da estabilidade do ser”, “em seus mil alvéolos, o espaço contém tempo comprimido”<sup>10</sup>. Não somente o *quid* situa-se na profundidade, mas também a verticalidade imaginária dispõe da energia vital e localiza as paixões e a intimidade.

<sup>5</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 11.

<sup>6</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 27.

<sup>7</sup> N.T – A expressão francesa é ‘ça’, que seria traduzida como ‘quê’, mas ainda assim não teria tanto sentido quanto a expressão latina ‘quid’ que expressa o ‘cerne’ da coisa.

<sup>8</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 12.

<sup>9</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 28 – grifos no original

<sup>10</sup> *Op. Cit.* P. 27.

A função do *quid* confirma, aos olhos de Bachelard, que o inconsciente está alojado, “felizmente alojado”. Rejeitar a função social da comunicação que serve a biografia, reentrar nas correspondências cósmicas, esses são gestos topoanalíticos que marcam a diferença entre o sociodrama e o cosmosdrama.<sup>11</sup>

Bachelard afasta-se da busca do tempo perdido e identifica, sobretudo, o espaço onde se estabelecem o homem e a sua imaginação. Ele opera uma separação, dentro da psicanálise, a fim de deduzir o princípio da intimidade, do valor e da felicidade. A ontologia do valor ressoa com a topoanálise. O princípio ontológico implica que “o ser é, imediatamente, um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, dentro do calor do colo e da casa”<sup>12</sup>. A valorização da imagem poética, da imagem dos espaços, está intimamente ligada à intimidade buscada e conservada na imaginação humana. No entanto, o mundo é constituído com a alma humana porque, na perspectiva da topoanálise, “deve também ser dado um destino exterior ao ser interior”, “seria preciso empreender uma topoanálise de todos os espaços que nos chamam para fora de nós mesmos”<sup>13</sup>. Fora do contexto social e da família, inscrita, pelo contrário, no contexto espacial do ser humano, a memória não é mais o único o fator dominante para interpretar a felicidade ou a infelicidade dos homens.

Tomemos o exemplo da casa. Afirmando a síntese da topoanálise que organiza a psicologia descritiva, a psicologia das profundezas (*Tiefenpsychologie*), psicanálise e fenomenologia, Bachelard expressa suas ideias numa fórmula concisa: “Parece que a imagem da casa torna-se a topografia do nosso ser íntimo”<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> BACHELARD, G. *Droit de rever*. Paris, PUF, 1970, p. 71; BACHELARD. *La poetique de l'espace*. *Op. Cit.* P.57. *Fragments d'une poetique du feu*. Paris, PUF, 1988, p. 66, p. 73.

<sup>12</sup> BACHELARD, G. *La poetique de l'espace*. *Op. Cit.* p. 26.

<sup>13</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 29.

<sup>14</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 18.

Ele especifica a ferramenta dessa topoanálise: “Tomar a casa como um instrumento de análise para a alma humana”<sup>15</sup>. Deve-se adicionar uma nuance aqui: a ferramenta não está fora de qualquer compreensão topológica e psicológica. O instrumento para decifrar a alma humana revela o valor ontológico da dupla alma-casa. A alma está no lugar, alojada, inscrita no espaço.

A decoração dos lugares não é verdadeiramente exterior, mas ela pinta a interioridade desta paisagem mental. Há, naturalmente, a paisagem sem o homem, sem as produções humanas, mas ela se completa por meio dos traços humanos.

Desta forma, há uma extensão da paisagem que marca o engajamento humano; a habitação evoca uma imbricação do cosmodrama e do antropodrama. A dimensão antropocósmica está bem implicada na figura da casa. É por esse viés que obtemos a chave para a análise da paisagem. Três pontos devem ser sublinhados logo de início.

(1) A paisagem é usada para descrever o estado da alma, mas não é um espelho que reflete o estado da alma tal qual. A paisagem existe, simultaneamente, dentro e fora; do interior, a paisagem mostra como a alma e o espírito se formam para criar os tons mais delicados e escavar profundezas no fundo da alma. A paisagem existe em estado de emergência e sentimento. Do exterior, a paisagem é percorrida, trabalhada, habitada, dividida e usada contra a sua vontade. A paisagem apela para a ação ambiental. Ela também conserva as violências sofridas e reativas. Como Bachelard aponta, “o espaço chama à ação, e antes da ação, a imaginação trabalha”<sup>16</sup>, o apelo à ação também é encontrado na paisagem. Esses dois aspectos ajudam a considerar mais claramente o cruzamento da paisagem e do psiquismo (ou da cultura humana). Neste caso,

<sup>15</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 19.

<sup>16</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 30.

podemos capturar o dinamismo da paisagem num duplo sentido: primeiro, um dinamismo ligado à vontade humana e inscrito na dialética do dentro e do fora, em seguida, outro dinamismo do mundo natural que grava, junta, acumula os elementos naturais sem evitar a violência primitiva.

(2) A paisagem serve como um índice do cosmos. É, antes, um derivado da segunda forma de dinamismo mencionado acima. O dinamismo revela, então, uma estrutura de correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo. O homem está inscrito no mundo por essa estrutura. A paisagem convida o homem por meio da acolhida, mas também por meio do ataque. O homem reage ou pela proteção de si, ou pela resistência e o contragolpe. Esse dinamismo pressiona a vontade humana a se afirmar e, assim, à experiência de sua própria existência e dignidade. O intercâmbio entre o interior e exterior descreve a interação voluntária ou involuntária entre o homem e o ambiente. Mas a paisagem envolve conjuntamente os dois fatores e os equilibra, tanto as atrações cósmicas, como as reações humanas. A pluralidade matizada da paisagem vincula as atividades de habitar o mundo pelos homens. Do lado da reflexão humana, a paisagem representa um apelo do cosmos.

3) A paisagem não é um objeto separado das atividades humanas, dos esforços humanos e do discurso sobre a felicidade. A paisagem pode ser entendida como um lugar habitado e pode-se atribuir-lhe um sentido ético. Para Bachelard, a imagem poética revela a valorização do ser. A paisagem, com suas imagens elementares, não escapa a esta valorização. Pesquisar as formas de paisagem obedece ao desejo de felicidade sobre a terra.

Graças a estas considerações, podemos agora identificar a ideia da paisagem em Bachelard segundo três aspectos: a imaginação material e dinâmica, a intimidade cósmica e a leitura.

*Animar a imaginação dinâmica e material*

A imaginação material se distingue da imaginação formal. Em *A água e os sonhos*, Bachelard se recusa ao costume de usar a palavra *imagem* unicamente como imagem visual. A vantagem da imagem da água revela um contato com a matéria: há “imagens diretas da matéria”<sup>17</sup>. Complementar à força do impulso, ao poder formativo, o aprofundamento mostra, na imaginação material, os devaneios da matéria “substancialmente, intimamente”<sup>18</sup>, com a exigência de densidade e de peso. A profundidade da matéria imaginada permite desvelar “a imaginação íntima dessas forças vegetativas e materiais”<sup>19</sup>. A dialética da filosofia da natureza, pelo jogo da luz e do peso em Schelling, foi transformada por Bachelard em uma cooperação da imaginação formal e da imaginação material. A matéria entranhada na *natura naturans*, na natureza produtiva, mantém uma força da imaginação, da informação, a saber, a *Ein-bildung* segundo Schelling<sup>20</sup>. Assumindo o contato concreto e vivendo com a matéria, existem operações que se afastam das formas superficiais; é preciso: “destacar todos os sufixos da beleza, esforçar-se para encontrar, atrás das imagens que se mostram, as imagens que se escondem, ir à raiz mesma da força imaginante”<sup>21</sup>.

Dentro da perspectiva da natureza produtiva e profunda, a forma da matéria não é uma razão *sine qua non* porque a individualidade material é particular, a matéria “não é a simples falta de uma atividade formal. Ela permanece si mesma apesar de toda deformação, de toda fragmentação”<sup>22</sup>. Entre a formação e a deformação, há a transformação e a metamorfose que

<sup>17</sup> BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*. Paris, José Corti. 1942, p. 2.

<sup>18</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 2.

<sup>19</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 3.

<sup>20</sup> N.T – Uma coadunação no senso de uma educação da imaginação.

<sup>21</sup> *Ibid.*

<sup>22</sup> *Ibid.*

determinam a matéria em si e os elementos materiais. Neste elemento, por exemplo, que é a água, as formas mudam: líquido, gelo, vapor; mas o elemento aquático permanece o mesmo. A imaginação poética situa-se entre o conhecimento científico e o senso comum, para identificar a criação da natureza.

A imaginação material começa com uma luta contra a dominação da visão. Mas se a visão não é totalmente rejeitada, é porque se deve ver o invisível. O obscuro, a sombra, o minúsculo, o nevoeiro não são os opostos da luz, nem o plano de fundo para tornar o objeto visível. Tudo o que se esconde na invisibilidade é, em si, uma espessura que indica que: “Uma alegria dinâmica manipula as imagens materiais, as modela, as alivia”<sup>23</sup>. O invisível se refere a uma força vinda da profundidade, da massa densa. Essa imaginação emerge do dinamismo elementar. A água mantém, sob sua superfície, um dinamismo íntimo. O local é criado pelo dinamismo do ar. O ar se empenha, de uma forma energética, na viagem imaginária desse corpo físico que tende a se evaporar na colina remota e na cimeira da montanha. O contato com a matéria convida à participação substancial.

Os jogos da imaginação formal, as intuições que completam as imagens visuais nos guiam contra a participação substancial. Somente uma simpatia por uma matéria pode determinar uma participação realmente ativa que voluntariamente chamaríamos de *indução*, se a palavra já não fosse usada pela psicologia do raciocínio. Só esta indução material e dinâmica, esta “condução”<sup>24</sup> pela intimidade do real, pode elevar o nosso ser íntimo.<sup>25</sup>

Bachelard leva, então, a materialidade da imaginação em direção ao dinamismo íntimo da matéria. A simpatia, o *Einfühlung* ou a indução, levam à

<sup>23</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 2.

<sup>24</sup> N.T – Há um jogo de palavra entre *induction* e *duction*, a forma de tradução que mais se aproxima dessa semântica é a da *condução*.

<sup>25</sup> BACHELARD, G. *L'air et les songes*, *Op. Cit.* p. 15

busca da intimidade substancial compartilhada pelo homem e a natureza. Como a visão não é descartada, deve ser enfatizada a capacidade de “ver bem”, em vez de ver a beleza. A simpatia justifica esta visão cósmica encarnada na visão individual e torna visível a beleza compartilhada. A profundidade situa-se no mundo, ele próprio composto pelos elementos materiais, de modo que a simpatia com a intimidade da matéria não constata o dinamismo psíquico, mas o processo cósmico.

Todo elemento colorido de entusiasmo pela imaginação material prepara, para a imaginação dinâmica, uma sublimação especial, uma transcendência característica<sup>26</sup>. Esta sublimação especial tornou-se a “sublimação pura”, impregnada da reflexão fenomenológica em Bachelard. Esta “transcendência característica” serve como base ao *fantástico transcendental*<sup>27</sup> em Novalis. No entanto, a transcendência se move verticalmente. A altura e a profundidade entram em jogo ao longo da verticalidade.

O dinamismo assumido indica assim que: “Essa vida elementar escapa a essa troca de impressões pitorescas que é a linguagem”<sup>28</sup>. Vivemos uma fuga voluntária na obscuridade para experimentar o inegável valor que permanece ao lado da matéria elementar. Pela imagem da terra, esse dinamismo continua sob a forma do ferreiro, da rocha. Respondendo ao “dinamismo terrestre da raiz”, Bachelard evoca “as forças de integração da imagem da raiz”<sup>29</sup>. Quando ele cita os poemas de Jean Wahl, “Vejo o rastejar vivaz das raízes, eu respiro o húmus, a lama e o solo”, suas observações realçam a valorização da árvore, da raiz e da

<sup>26</sup> BACHELARD, *Idem.*

<sup>27</sup> N.T – Grifos meus, é um conceito de Novalis para atribuir um papel fantástico à imaginação não da ordem do intelecto, mas do poder da representação da alma. Com isso, inauguram-se os estudos do imaginário do ponto de vista de uma imaginação criadora.

<sup>28</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 35.

<sup>29</sup> BACHELARD, G. *La terre et les reveries du repos*, Jose Corti, 1948, p. 305.

terra: “Parece que na extremidade das raízes, está-se no limite de um mundo”<sup>30</sup>. Por outro lado, ele canta a síntese da Árvore cosmológica e da Árvore espiritual: “como se somente as raízes pudessem garantir a síntese da Terra”<sup>31</sup>. A síntese retorna à árvore da vida. É uma síntese energética e vital. A Terra se junta à vida cósmica rica de forças e de vontades.

A insistência sobre a vontade também permite uma leitura da paisagem gravada. Bachelard descobriu, na paisagem do gravador Albert Flocon, “um entusiasmo da vontade, uma ação impaciente de agir sobre o mundo”<sup>32</sup>. Aos olhos de Bachelard, a paisagem, sob a mão do gravador – muito mais dinâmica do que a do poeta e a do filósofo, aliás –, “coloca-nos no primeiro dia do mundo”. O filósofo nos confirma que: “As paisagens gravadas são os testes da vontade enorme, a vontade que quer todo o mundo de uma só vez”<sup>33</sup>. Quando se responde à chamada da paisagem, um esquema da vontade criadora tem lugar para animar o imóvel e o estagnado.

Por essas considerações sobre a imaginação material e a imaginação dinâmica, somos levados a pensar a paisagem em sua formação energética. A paisagem não pertence apenas a belas formas, o encanto da paisagem vem do que aparece com a atração da beleza. Se há um quase-nada, um indizível, um invisível do encanto da paisagem, sua razão de ser consiste em suas profundezas inesgotáveis e suas camadas impenetráveis. Mas essas características, para além das capacidades humanas, suscitam, em contrapartida, um dinamismo ativo, ou mesmo violento. A vida elementar da paisagem convida o sonhador e o trabalhador das imagens para iniciar uma jornada dupla: uma fuga da dominação das formas e uma viagem imaginária. É um paradoxo, porque a primeira leva os

<sup>30</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 306.

<sup>31</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 311.

<sup>32</sup> BACHELARD, G. *Le droit de rêver. Op. Cit.* p. 71.

<sup>33</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 74.

homens a se mover, e a segunda valoriza uma vida sem sair de casa. Mas este paradoxo não se dissipa, muito simplesmente, mediante uma explicação razoável. Seria preciso experimentar uma tensão permanente de viajar neste duplo sentido.

O encanto da paisagem atrai as pessoas para se mover em direção a ela, mas assim que chegam ao local, elas ficam imersas no sentido do lugar e se tornam uma parte desta paisagem. Não são mais as pessoas que se movem, mas a paisagem que se move nelas. As pessoas sentem que, ao inspirar, aquele ar não é mais físico, mas um ar cósmico que inspira nelas. Toda a história da respiração cósmica em Goethe, “treinamento autógeno” em J. H. Schultz, Jules Supervielle, Jorge Guillen, é condensada nesta fórmula de Bachelard: “No feliz peito humano, o mundo se respira, o tempo se respira”<sup>34</sup>. Viver ao ritmo da respiração corporal é compartilhar a respiração cósmica; pela imagem cósmica, uma terapia especial da angústia se desenha. Este ar, além de permitir escapar da angústia, convida também à “sublimação autônoma”<sup>35</sup> pelo hipnotismo de Robert Desoille, tão querido por Bachelard. O convite da paisagem, pela viagem, pela caminhada ascendente, a caminhada ritmada, é na verdade uma função da imaginação: “A aspiração pelas alturas somente assume seu real valor imaginário em uma subida que deixa a terra”<sup>36</sup>, a saber, “a indução do movimento imaginário”<sup>37</sup>. Com o ar, entramos no “cosmos da elevação, um mundo se forma ao se elevar”<sup>38</sup>. A imagem aérea mostra o caráter cósmico da humanidade inscrita na materialidade elementar. Da mesma forma, a paisagem esboça essa abordagem natural que requer a participação da humanidade na cosmicidade. O fenômeno do ar dinâmico se vê nos movimentos do vento, da nuvem. O termo *paisagem* em

<sup>34</sup> BACHELARD, G. *La poétique de la rêverie*, Paris, PUF, 1986, p. 154.

<sup>35</sup> BACHELARD, G. *L'air et les songes*. Op. Cit. p. 135.

<sup>36</sup> BACHELARD, G. Op. Cit. p. 136.

<sup>37</sup> BACHELARD, G. Op. Cit. p. 140.

<sup>38</sup> BACHELARD, G. Op. Cit. p. 142.

chinês tem duas expressões: as montanhas-águas (*shan-shui*) e a cena do vento (*fong-jing*). As montanhas e as águas, cujos dois elementos – terra e água – envolvem uma dialética entre si, formam um lugar de exceção para escapar da vida banal. O vento produz na cena uma visão fluida. O dinamismo é uma chave para o acesso à paisagem viva. Esta vitalidade encontrada na paisagem também é um movimento da alma. O ar da aspiração da alma, o frescor mental, anima as nuvens nas montanhas. Nesta perspectiva, podemos viver uma relação íntima entre o homem e o cosmos (a natureza e a matéria).

#### *Desdobrar a intimidade*

A intimidade humana com o mundo significa uma primeira relação de estar no mundo: a habitação. Nós já a vimos na imagem da casa. Buscar se proteger contra a violência e o ataque externo é uma necessidade primitiva. Mas a imaginação revela as condições de viver no mundo por meio das imagens.

Uma condição remete à resistência, à ameaça da vida. A casa simboliza, primeiramente, a solidão e coloca o homem na luta cósmica. Bachelard mostra, no caso de Rilke, um “paradoxo da cosmicidade” a propósito da violência da natureza entre a cidade e o campo. Segundo ele: “Rilke participa da contra-cólera da árvore atacada pela cólera do vento. Mas ele não participa da resistência da casa.” – ele vê aí um testemunho rilkeano de um “dinamismo de luta cósmica”<sup>39</sup>. Se seguirmos este caminho hermenêutico com Bachelard, explicando o papel desempenhado pela paisagem nesta luta cósmica, podemos apreender a casa na paisagem dinâmica. Bachelard acentua o valor da casa neste jogo cósmico violento; ele vê A Redousse de Henri Bosco como “uma resistência do homem”,

<sup>39</sup> BACHELARD, G.; *La poétique de l'espace*, op. Cit. p. 55.

como "um valor humano, magnitude do Homem"<sup>40</sup>. Esta Resistência, em maiúscula, pode surpreender os ativistas políticos. Este humanismo inscrito na natureza e no universo também pode causar a incompreensão de um Bachelard silencioso sobre a política contemporânea, sobre a desigualdade humana. Mas não esqueçamos que a luta ecológica demonstrou os limites do combate humano, demasiado humano. Essa ala cosmopolítica teria interesse em não ignorá-lo. A lição de Bachelard é, especialmente, de um "combate antropocósmico"<sup>41</sup>. Entretanto, a vontade exercida requer a abertura ao mundo, ao universo, pois a "casa dos homens se abre para o mundo" de onde vem um "comércio da imensidão"<sup>42</sup>. A resistência acolhe os sopros do vento para relançar uma participação no universo. Esta é uma forma de intimidade cósmica por meio da luta.

Uma segunda condição refere-se à intimidade dinâmica. Quando Bachelard compara a paisagem poética com a paisagem gravada, ele menciona que "se a paisagem do poeta é um estado de espírito, a paisagem do gravador é um caractere, um arrebatamento da vontade"<sup>43</sup>, mas na comparação da paisagem com a casa, ele especifica que "a casa, mais que a paisagem, é um estado de espírito, [...] ela diz a intimidade". Podemos ler este texto como uma chave para abrir os cofres secretos do estado da alma. Bachelard chama a nossa atenção para a "profundidade dos devaneios da intimidade". O cofre rilkeano não conta um rudimento de história. O devaneio poético "reúne o universo em torno de um objeto"<sup>44</sup>, um cofre, uma gaveta, um armário, mas "eis que ele abre os cofres, condensa riquezas cósmicas em uma caixinha"<sup>45</sup>. Há essa condensação do

devaneio, não do sonho, devaneio sempre material que leva a uma outra dialética do dentro e do fora. A dialética continua na introversão e na extroversão, na condensação e na expansão, no alargamento e no encolhimento. A miniatura também permite condensar o mundo em um núcleo. Bachelard elogia o poeta que sabe imaginar: "com qual arte ele condensa a paisagem!"<sup>46</sup>. O desafio é ter acesso ao mundo, é possível ler "a paisagem no núcleo de vidro", pois "este núcleo condensante é um mundo"<sup>47</sup>. É possível ler a paisagem como acesso ao mundo. Por este caminho, a paisagem situa-se bem no mundo, revela nossa intimidade com o universo. A dialética é válida para aproximar o distante no próximo mediante esse ato de condensação. Ela projeta o espírito que imagina no alhures, no irreal.

Mas se deve notar que a paisagem íntima revela uma imensidão íntima. A especulação bachelardiana sobre um verso de Baudelaire – "vasto como a noite e como a claridade" – evoca uma metafísica da vastidão e da intensidade". O sistema poético das correspondências baudelairianas envolve o princípio da vastidão íntima, como Bachelard o especifica, "as correspondências acolhem a imensidão do mundo e a transformam em uma intensidade do nosso ser íntimo"<sup>48</sup>. A ênfase da intensidade nos permite destacar a paisagem do estado da alma. A paisagem dividida, dispersa, agregada e agregante, está intimamente ligada ao dinamismo da vontade e também se apresenta com nuances. Desejo de criar um mundo novo, desejo de buscar um lugar no mundo para se esconder, nostalgia da viagem em uma terra imensa como no sonho, esses são motivos voluntários da paisagem. Um simples traço nesta colorida paisagem é suficiente para desenhar uma linha de fuga para a imaginação em ato. Todas as nuances da

<sup>40</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 56.

<sup>41</sup> BACHELARD, G. *Le droit de rever, Op. Cit.* p. 71.

<sup>42</sup> BACHELARD, G. *La poetique de L'espace. Op. Cit.* p. 75

<sup>43</sup> BACHELARD, G. *Le droit de revê. Op. Cit.* p. 71

<sup>44</sup> BACHELARD, G. *La poetique de l'espace. Op. Cit.* p. 87.

<sup>45</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 147.

<sup>46</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 148.

<sup>47</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 176

<sup>48</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 175.

paisagem são uma série de dramas virtuais e permitem compreender a intensidade do jogo do mundo.

Para capturar essas nuances, Bachelard nota que “o espetáculo exterior vem ajudar a desdobrar uma grandeza íntima”<sup>49</sup>; mediante a substituição do termo “espetáculo” pelo termo “paisagem”, nós podemos ainda esclarecer esta função da paisagem – “ajudar a desdobrar uma grandeza íntima”. É preciso pôr a questão da dobra da grandeza íntima. A imensidão íntima não é tão vasta, mas envolve tantas sinuosidades que a alma pode provar-se na preocupação, na angústia, no prazer, na alegria, no temor, no medo, na incerteza, no luto, na tristeza, e tudo isso até o infinito. As correspondências designam, através da síntese da imaginação, as duas séries do infinito da paisagem: as dobras exteriores e as interiores. As nuances denunciam a vasta placidez. Na verdade, trata-se de um mesmo jogo do mundo com duas dobras correspondentes, cada uma com uma série infinita de nuances. Mas podemos encontrar uma síntese final na própria vastidão: “a imensidão sem outro adorno além dela mesma [...] a imensidão se institui como valor primordial, como valor íntimo primordial”<sup>50</sup>. A expansão, a extensão e o êxtase atingindo uma fusão cósmica e infinita no ser, a extensão e a intensidade juntam-se na espacialidade ontológica infinita. Para a imaginação poética, as palavras tornam-se paisagens em si. Mas o inverso também é permitido: fazer a experiência dos espaços poéticos leva a se situar na imensidão da paisagem. A experiência poética (com Rilke, Supervielle, Bosco e Bosquet<sup>51</sup>) exprime a própria espacialidade, melhor do que as geometrias.

A espacialidade nunca é sem intensidade, sem dificuldade, sem parcialidade. As nuances da paisagem são expressas em diversos estados topológicos. Um primeiro fato simples encontra-se na experiência concreta do

<sup>49</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 178.

<sup>50</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 182-183.

<sup>51</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 193.

Ser-aí: “Preso no ser, sempre será preciso sair dele. Mal tendo saído do ser, sempre será preciso regressar a ele”. Esta espiral do ser contesta, ao mesmo tempo, a ontologia do pro-jeto (*Entwurf*)<sup>52</sup> no tempo extático de Heidegger, e a banalidade da linha temporal. A dessimetria inscreve-se na espiral ontológica: “tornar concreto o interior e vasto o exterior”<sup>53</sup>, de modo que o Ser-aí sofre uma inversão infinita. Comentando sobre um poema de Michaux, “Espaço nas Sombras”, Bachelard observa que: “O ponto central do Ser-aí vacila e treme. O espaço íntimo perde toda a clareza. O espaço exterior perde seu vazio. O vazio, essa matéria da possibilidade do ser!”<sup>54</sup>. Entre as nuances ontológicas, há esse problema do ser<sup>55</sup> que incomoda o poeta e compele o filósofo a refletir. Da mesma forma, as nuances da paisagem incitam a viver as dificuldades do mundo, do ser-no-mundo. A partir de todas as dificuldades possíveis, de todas as rupturas e de todos os nós, podemos vislumbrar uma crítica da ameaça da paisagem. É também por causa da impossibilidade da paisagem de se desdobrar, que nós podemos compreender o problema da paisagem. Parece obscuro falar sobre esse problema aqui, mas há um paradoxo do mundo humano: para viver no mundo, o homem cria um mundo simulando a natureza, mas esta criação humana e industrial usurpa o mundo natural tão bem que esta simulação onipotente substitui a imaginação. A fim de restaurar o poder da imensidão, é preciso animar o dinamismo da paisagem concebida pela imaginação, traçar novamente a formação do mundo.

### *Ler a paisagem*

<sup>52</sup> N.T – É uma possibilidade que se lança sempre à frente, ou seja, uma errância que sempre se aproxima da verdade, mas nunca esvazia ou esgota a possibilidade do ser.

<sup>53</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 194.

<sup>54</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 196.

<sup>55</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* p. 198.

Com esta lição de Bachelard, nós podemos esboçar uma leitura da paisagem. Citamos um parágrafo em que Bachelard aconselha a ler a paisagem no núcleo de vidro, mas podemos também desenvolver as técnicas de variação da leitura. O esquema cosmos / miniatura / canto íntimo é estabelecido por meio da mediação da miniatura. Pode ser que uma pedra represente uma montanha e que uma flor encarne um reino, de acordo com a estética chinesa ou a fábula budista. A cadeia da paisagem imaginária cria os índices heurísticos para facilitar o acesso ao mundo. Esse mundo onde estamos não é tão longe, ele está bem perto, de modo que um objeto específico (um núcleo, uma pedra, uma flor, a areia) que possuímos contém esse mundo. Esta leitura da paisagem liga o mundo íntimo e o mundo exterior. Então, aqui está este teorema: ler a paisagem é ler o mundo.

Quem sabe ler a paisagem domina igualmente a chave para ler a imagem cósmica. A leitura do mundo manipula voluntária ou involuntariamente as imagens dos elementos para estabelecer uma habitação no mundo. Os elementos fornecem os materiais para constatar o estar no mundo, mas a leitura é diferente daquela da representação pictórica. Trata-se do processo dinâmico em que o mundo se revela como um horizonte primitivo.

Uma fonte desta leitura se encontra na sugestão da “ressonância” emprestada de Eugène Minkowski por Bachelard. A floresta é estabelecida como um sistema de correspondências onde um elemento evoca outro, e depois outro. Para Minkowski, “os dados imediatos da consciência”, os “dados primitivos” e os fenômenos não são limitados ao indivíduo; “eles vão para o mundo”<sup>56</sup>. Os movimentos psíquicos envolvem um horizonte cósmico. Graças ao fenômeno da simpatia, há um “contato vital com todo o devir”, ou um “sincronismo vivido”; de

modo que “um vínculo íntimo pode ser estabelecido entre a tríade psicológica e a tridimensionalidade do espaço”<sup>57</sup>.

Bachelard transforma esse sincronismo vivido na ressonância em uma comunicabilidade da imagem, uma trans-subjetividade da imagem<sup>58</sup>. Assim, uma imagem poética é compartilhável e partilhada em uma leitura do poema. A ressonância também ajuda a capturar a paisagem como um estado de espírito. Muitas vezes, a paisagem é definida como um conjunto de formas vistas sobre o local.

No entanto, apoiamos a tese de que a paisagem é lida em todas as suas linhas de interseção ou dispersão das colinas, rios, ventos, nuvens e chuvas. A paisagem é projetada por movimentos psíquicos e reinscreve o corpo, a visão, o tato no contexto do mundo. A paisagem oferece um caminho para a leitura do local, a fim de retirá-lo da simples propriedade política ou social. Uma vez que, essa distância em relação ao território é tomada na leitura da paisagem, o significado de viver em um lugar, de controlar um território e de cultivar um terreno é revelado mais dinamicamente.

Pode-se especificar aqui a dupla função da paisagem: a paisagem convida a uma caminhada e a uma visão; em contrapartida, as imagens projetadas são capazes de formar a paisagem. A paisagem deve ser lida como um nó da existência, simultaneamente psíquica, somática, social e cósmica. A imagem poética é o índice da convergência destas experiências múltiplas; ela é útil para desenhar linhas diferentes dos dados da paisagem.

De fato, a paisagem é composta por elementos materiais que acionam a imaginação dinâmica e animam um cosmodrama. Não apenas o sujeito imaginante deixa ressoar em si as imagens de outro sujeito, mas o devaneio de

<sup>56</sup> MINKOWSKI, Eugène. *Vers une cosmologie*. Paris, Payot, 1999. P. 98.

<sup>57</sup> MINKOWSKI, Eugène. *Op. Cit.* P. 99.

<sup>58</sup> BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. *Op. Cit.* P. 3.

um elemento ecoa um devaneio de outros elementos. Bachelard define precisamente este jogo do eco na interação do lago e do céu: "Já, pelo puro espelho do lago, o céu torna-se uma água aérea. Então, o céu é, para a água, um chamado a uma comunhão na verticalidade do ser. A água que reflete o céu é uma profundidade do céu. Este espaço duplo mobiliza todos os valores do devaneio cósmico"<sup>59</sup>. O reflexo não permanece estático, pela verticalidade e a profundidade, um jogo começa na apreensão da paisagem dinâmica. A leitura da paisagem, portanto, deve desenhar este dinamismo na manipulação das imagens básicas. Como a transição da psicanálise para a psicossíntese é exigida, haverá uma leitura sintética da paisagem que seleciona os elementos materiais na composição da paisagem.

Mesmo que Bachelard negue a composição dos quatro elementos em conjunto, as composições variadas de dois ou três elementos são possíveis a seus olhos. Ele sabe saborear a materialidade composta. A paisagem envolve estas matérias compostas. Essa riqueza irá incentivar uma leitura da complexidade na paisagem.

No limite, a psicossíntese conduz a uma leitura que funde. Primeiramente, trata-se de uma fusão ontológica, porque a imagem "fixa-nos e nos prende", "nos infunde no ser", mas o ser do sonhador é, a mesmo tempo, "ser da imagem e ser de adesão à imagem que surpreende"<sup>60</sup>.

A evidência do *cogito* do devaneio está ligada à consciência do mundo feliz. Bachelard evoca assim a comunicação do ser<sup>61</sup> entre o sonhador e o mundo sob os registros sensíveis correspondentes. Depois, a fusão projeta a nuance na

tonalidade do ser (*Stimmung*<sup>62</sup> em Heidegger), que Bachelard desenvolve por meio da ideia da ontologia da diferença, à qual responde o *cogito* do devaneio. A correspondência entre "o ser de uma difusão" e "o ser difuso"<sup>63</sup> apaga a oposição do eu e do não-eu (mundo), do ser e do não-ser. Esta tonalidade ontológica determina a cena da paisagem, onde o principal drama se desenrola em torno da fusão, da comunhão e da correspondência. Bachelard cita a frase em D'Annunzio: "Entre minha alma e a paisagem, havia uma correspondência secreta, uma afinidade misteriosa"<sup>64</sup>. Entre o céu e o lago, há uma adoração mútua. Bachelard também enfatiza a verticalidade da seguinte maneira: "O céu é, então, um chamado à água para a comunhão na verticalidade do ser. A água que reflete o céu é uma profundidade do céu. Este espaço duplo mobiliza todos os valores do devaneio cósmico."<sup>65</sup> A leitura que funde admite, portanto, as tonalidades materiais, paisagísticas e cósmicas.

Sem uma simpatia total de leitura, por que ler? Mas quando realmente entramos no devaneio do livro, como parar de ler?<sup>66</sup>

Para Bachelard, é preciso ler de forma imaginativa. É assim que a simpatia permite viver a fusão com o mundo. Abrir um livro é abrir um novo mundo. A cosmicidade infunde a tonalidade ontológica na paisagem.

Em suma, deve-se descartar o modelo objetivo da leitura no qual domina a oposição entre o sujeito e o objeto. Há um hiato infinito no interior, mesmo se houver a fusão dos horizontes abertos diante dos olhos dos leitores. Porém, na leitura da paisagem animada pela imaginação, os poemas, as cenas, as formas, as pinturas não são representações, e sim imagens paisagísticas. Em si, esta imagem

<sup>59</sup> BACHELARD, G. *La poetique de la rêverie*. Op. Cit. P. 177.

<sup>60</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 132.

<sup>61</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 140.

<sup>62</sup> N.T – Uma afinação fundamental em que o humor, no caso de Heidegger será a angústia, em Bachelard só poderá ser a alegria.

<sup>63</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 144.

<sup>64</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 171.

<sup>65</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 177.

<sup>66</sup> BACHELARD, G. *Op. Cit.* P. 179.

da paisagem dá acesso ao mundo, porque ela é a fusão cósmica dos elementos fundamentais. A leitura da ontologia fundamental da paisagem terá como objetivo tornar aparente a fusão e a difusão da cosmicidade.

Para concluir, podemos dizer que a sensibilidade cósmica da paisagem em Bachelard é animada por uma leitura da intimidade dinâmica entre o homem e a paisagem. Mas este termo “entre” não significa separação original, nem uma oposição de dois polos. A dialética do interior e do exterior é acionada no meio do antropocosmo que envolve o macrocosmo e o microcosmo.

A paisagem como um pedaço do mundo, fragmento do universo, já inclui um fio condutor para descobrir todo o tecido. É preciso encontrá-lo e passar a uma leitura da paisagem para ler o cosmos. Mas o reflexo cintilante nunca é estático e imóvel. Quando a imaginação é de tal modo animada, o dinamismo da ligação entre o microcosmo e o macrocosmo é desvendado, ele lança o imaginante neste jogo no mundo.

A tonalidade fundamental deste mundo não é separada da tonalidade do ser. A fusão e a simpatia determinam essa tonalidade. Deixar os ritmos ressoarem em nós, no mundo, investir na paisagem, aqui está a indicação possível da leitura bachelardiana.

Os rastros de pegadas humanas nas estradas à beira do rio, na montanha, são quase imperceptíveis, mas estas pegadas inscrevem-se na paisagem. Para quem sabe imaginar e desfrutar a face do mundo, estes traços reivindicam a felicidade de se unir à paisagem. Porque, muito simplesmente, estamos nessa paisagem, nossa casa no cosmos nos permite desdobrar todas estas nuances cósmicas e ontológicas.